

DIVINO SOSPIRO | BARROCOS ALEMÃES

22 SETEMBRO 2007

SÁBADO

PEQUENO AUDITÓRIO

21H00

MÚSICOS | DIVINO SOSPIRO | ENRICO ONOFRI direcção e violino solista |
VITTORIO GHIELMI viola da gamba solista |

A Orquestra Divino Sospino continua a integral dos Concertos Brandeburgueses de J. S. Bach, dirigida por Enrico Onofri.

PROGRAMA

G. P. TELEMANN (1681-1767)

Concerto para três violinos e cordas "Tafelmusik II", TWF 53: F1

J. S. BACH (1685-1750)

Concertos Brandeburguês n.º 4, BWV 1049

J. G. GRAUN (1703-1771)

Concerto em Lá menor para viola de gamba e cordas

J. S. BACH (1685-1750)

Concertos Brandeburguês n.º 2, BWV 1047

Orquestra Residente do CCB, o Divino Sospino iniciou, no ano passado, a realização da integral dos seis *Concertos Brandeburgueses* de Johann Sebastian Bach (1685-1750).

Essa proposta é retomada neste concerto, com a apresentação dos concertos n.º 2 e n.º 4. Os *Concertos Brandeburgueses* constituem a versão definitiva de *Seis Concertos com vários instrumentos*, e foram apresentados por Bach em 1721. Com uma variedade de estrutura prodigiosa e um colorido muito rico, os seis concertos são considerados a síntese da sabedoria musical europeia da época.

Outro momento importante do concerto é a presença de Vittorio Ghielmi, reconhecido gambista italiano que tocará uma obra para viola de gamba do compositor J. G. Graun - um instrumento e um repertório raro que o Divino Sospino quis propor ao público.

DIVINO SOSPIRO

Enrico Onofri - direcção e violino solista
Iskrena Yordanova, Elisa Bestetti, Miriam Macaia, Elisabeth Bataller - 1º violinos
Raul Orellana, Maria Cristina Vasi, Nuno Mendes - 2º violinos
Massimo Mazzeo - viola
Ivo Brigadoi, Ana Raquel Pinheiro - violoncelos
Marta Vicente - contrabaixo
Steven Mason - trompete
Tiago Costa Freire - flauta de bisel
Pedro Castro (flauta de bisel I no *Conc. Brandeburguês n.º 4*)
Ricardo Lopes - oboés
Carolino Carreira - fagote
Ella Sevs kaya - cravo

Paralelamente ao concerto, o Centro Cultural de Belém e o Divino Sospiro, promovem uma **Masterclass de Violino Barroco e Música de Câmara**, sob a orientação de Enrico Onofri, a decorrer nos dias 17, 18 e 19 de Setembro de 2007.

NOTAS AO PROGRAMA

Georg Philipp Telemann

Nasceu em Magdeburg, em 14 de Março de 1681; morreu em Hamburgo, em 25 de Junho de 1767. Pode ser considerado o mais prolífico compositor de sempre, tendo sido reconhecido pela crítica do seu tempo como um dos compositores mais influentes. Do seu catálogo, o *Telemann Werkverzeichnis*, fazem parte cerca de três mil peças, e a sua actividade estende-se ainda aos domínios da organização da vida concertística, ao campo da edição e publicação musical, da educação musical e da teoria. Em termos de receptividade musical, tal como no caso de J. S. Bach ou Antonio Vivaldi, foi necessário esperar pelos finais do século XIX para assistirmos à recuperação paulatina da música de Telemann, considerada obsoleta com o advento do Classicismo.

Com uma formação de carácter autodidacta, Telemann revelou desde muito cedo um grande interesse pela música, aprendendo a tocar diversos instrumentos. Em 1701 entrou para a Universidade de Leipzig com o objectivo de estudar Direito, mas rapidamente começou a compor para as várias igrejas da cidade, tendo rapidamente o cargo de *Kantor* numa delas e o cargo de director da ópera de Leipzig. Tornaram-se célebres as polémicas criadas por Kuhnau nesta altura, ao sentir-se posto em causa pelo compositor emergente, o qual deixaria Leipzig em 1705 para aceder ao cargo de *Kapellmeister* da corte do conde Erdmann II, em Sorau, actualmente na Polónia. Aqui adquiriu o estilo francês de Lully e Campra, compondo inúmeras aberturas e suites nos seus dois anos de permanência. Em 1707, Telemann foi nomeado chefe dos cantores na corte, em Eisenach, onde conheceria J. S. Bach. A partir de 1721 tornou-se director das cinco principais igrejas de Hamburgo, cargo que ocuparia até à sua morte, em 1767.

Telemann teve um papel muito importante na definição do gosto alemão de então. A sua música inclui influências da linguagem contrapontística alemã, dos estilos francês, italiano e polaco, adoptando ainda, a partir da década de trinta, múltiplos

traços do estilo galante, com as características figuras rítmicas sincopadas, texturas simples, contrastes motivicos, ritmos harmónicos lentos. Atento às novas gerações, dos anos quarenta e cinquenta, trocava correspondência e partituras com jovens compositores como Carl Philipp Emanuel Bach (de quem era padrinho), Quantz, Franz Benda, C. H. Graun and J. F. Agricola.

No domínio instrumental, Telemann terá escrito: cerca de 125 suites orquestrais; 125 concertos; várias dezenas de peças orquestrais; sonatas; cerca de 40 quartetos; 130 trios; 87 solos; e 145 peças para teclado. A sua obra inclui ainda: cerca de 40 óperas; 52 paixões; cerca de 1800 cantatas religiosas; 75 cantatas profanas; missas; oratórias; *Lieder*; aberturas; corais...

De grande importância foi o contributo de Telemann para a redefinição do papel do músico profissional. Passou a maior parte da sua carreira no agitado centro comercial e portuário de Hamburgo, onde uma elite mercantil e um ambiente cosmopolita permitiu a divulgação e sucesso da sua obra. Ao contrário de Bach, que estava ligado sobretudo ao lado devocional da composição, Telemann via o acto de criar como um trabalho de certa forma artesanal e servil. A música de Telemann está associada a uma burguesia iluminada, interessada em usufruir e participar da criação cultural. Nos seus concertos públicos, por exemplo, para além de interpretar as suas próprias obras, procurava dar a conhecer variados géneros e compositores do seu tempo, como J. S. Bach, Zelenka, Pisendel, Weiss, entre muitos outros. As suas composições eram de reduzida complexidade técnica e geralmente destinadas a pequenas formações de forma a incentivar a divulgação do seu trabalho também nos círculos privados e amadores (a publicação era para si e para a sua família uma importante fonte de rendimentos). *Tafelmusik (Musique de Table)*, contudo, é uma obra que requer uma formação orquestral mais ambiciosa, provavelmente antecipando a visita que faria a Paris, entre 1737 e 1738, e que se revelaria um sucesso. Ainda que o conceito de *Musique de Table* estivesse associado sobretudo à música que se usava para acompanhamento de banquetes, jantares e festa, esta obra manteve um certo lado privado e intimista. Foi o próprio Telemann a encarregar-se de publicar esta obra, assegurando o seu retorno financeiro através de um sistema de encomendas prévias. Entre o espólio documental do compositor encontramos listas de encomendas de mais de 200 partituras, endereçadas a vários quadrantes por toda a Europa, delas constando nomes como Handel, Pisendel, Quantz, Blavet, entre inúmeros membros da nobreza. A sua obra terá sido publicada em fascículos, em três momentos diferentes no ano de 1733: no final da Primavera; no início do Outono; e no Natal, estando também dividida em três partes, ou "produções" (como o compositor lhes chama). A recolha leva a indicação, segundo o título original: "*Partagée en Trois Productions dont chacune contient 1 Ouverture avec la suite à 7 instruments, 1 Quatour, 1 Concert à 7, 1 Trio, 1 Solo, 1 Conclusion à 7.*" É uma obra com carácter de entretenimento mas é, em muitos momentos, tecnicamente exigente; pode ser tocada tanto em ambiente de música de câmara, como ao ar livre; é intelectualmente elaborada, mas sempre muito emotiva, recorrendo por vezes aos motivos da música popular como forma de chegar ao público. Inspirado por Corelli, na sua obra Telemann congregava motivações artísticas, pedagógicas e sociais, bem como a variedade e ecletismo que tanto estavam na moda.

O *Concerto para três violinos e cordas "Tafelmusik II"*, TWF 53:F1, assente na tonalidade de Fá Maior, faz parte da "segunda produção" e requer a utilização de três violinos *solí*, bem como um conjunto orquestral de cordas e baixo contínuo. A obra apresenta-se num estilo de certa forma conservador, em três andamentos: começa com um *Allegro* numa exposição orquestral enérgica que envolve todos os instrumentos para em seguida, com a sucessiva entrada dos instrumentos solistas, as

texturas rítmicas se tornarem mais variadas, com ritmos “lombardos” (curto-longo, com acentuação no momento curto); no segundo andamento, *Largo*, em Ré menor, os instrumentos seguem processos imitativos e a secção central é praticamente entregue aos solistas; o *Vivace* que constitui o *Finale* constrói-se sobre um compasso de 3/8 e remete para a linguagem italiana dos concertos vivaldianos.

A *Musique de Table*, ou *Tafelmusik*, é talvez a mais celebrada colectânea de obras de Telemann e a que chegou mais cedo ao público contemporâneo, graças à edição curada por Max Seiffert, em 1927. Esta obra pode ser vista em contraponto com os *Concertos Brandeburgueses* de J. S. Bach, mostrando a versatilidade de Telemann ao nível do género, da instrumentação, da articulação formal, do uso das tonalidades e das dinâmicas.

Johann Sebastian Bach

Nasceu em Eisenach, em 21 de Março de 1685; morreu em Leipzig, em 28 de Julho de 1750. Desenvolveu todo o seu trabalho em território germânico, o que não o impediu de entrar em contacto com as obras de compositores de outros países, nomeadamente ingleses, franceses e italianos: o estudo exaustivo, principalmente feito através de transcrições de obras de autores da sua contemporaneidade e de anteriores períodos da história da música são determinantes na construção da linguagem musical característica de Bach: Palestrina, Frescobaldi, Buxtehude ou mesmo Vivaldi são alguns dos exemplos dos compositores por ele estudados.

Apesar de hoje podermos considerar J. S. Bach como sendo uma das personalidades mais representativas do período do Barroco tardio, na sua época (não obstante o reconhecimento como instrumentista virtuoso), no que diz respeito à sua actividade como compositor, foi frequentemente acusado de um certo antimodernismo e, após a sua morte, foi esquecido, tal como muitos outros compositores do mesmo período, tendo sido necessárias várias décadas para ressurgir um interesse musical e musicológico pela sua obra. Seria apenas em 1829, cem anos após a primeira representação, que Mendelssohn dirigiria a *Paixão Segundo São Mateus*, abrindo a dinâmica de recuperação que se denominou “Processo Bach” ou “Bach Revival”, e que prosseguiu até ao século XX.

É frequente organizar-se o percurso biográfico de Bach (cheio de lacunas) através dos locais onde se fixou. Em Eisenach e Ohrdruf passa os primeiros quinze anos de vida e inicia os seus estudos musicais. De 1700 a 1702, em Lüneburg, no norte da Alemanha, estuda na Michaelisschule (Escola de São Miguel) e tem as suas primeiras experiências como organista e violinista. De 1703 a 1707, em Arnstadt, na Turíngia, é contratado como organista na Neukirche e visita Buxtehude em Lübeck, sendo deste período as primeiras composições para cravo e para órgão. No ano seguinte, em Mühlhausen é nomeado organista na Igreja de São Blasius, escrevendo aí as suas primeiras cantatas. De 1708 a 1717 estará pela segunda vez em Weimar (depois da Primavera-Verão de 1703), onde ocupará o cargo de organista e, a partir de 1714, de *Konzertmeister* na corte. No período de Cöthen (Saxónia), de 1717 a 1723, entre muitas outras obras instrumentais, Bach escreve os 6 Concertos Brandeburgueses enquanto *Kappelmeister* (mestre-de-capela) na corte do príncipe Leopoldo de Anhalt-Cöthen que, por ser de culto calvinista, permite a Bach concentrar-se na escrita de música quase exclusivamente profana. Finalmente, de 1723 a 1750, ano da sua morte, assume uma série de cargos em Leipzig, entre os quais de *Kantor* na Thomas Kirche (Igreja de São Tomás), *Director Musices* da cidade e director do Collegium Musicum universitário, sendo deste período as obras como as Paixões, a *Arte da Fuga* ou o segundo volume do *Cravo Bem Temperado*.

Os 6 Concertos Brandeburgueses (BWV 1046-1050), apresentados como uma colecção de “Concerts avec plusieurs instruments”, representam uma verdadeira síntese da

sabedoria musical europeia da época. Tal como *L'Estro Armonico* de Vivaldi ou *Tafelmusik* de Telemann, os *Concertos Brandeburgueses* de Bach sintetizam o século XVIII musical no seu espírito mais essencial, desenvolvendo e esgotando, em simultâneo, as possibilidades da linguagem musical barroca. Dedicados, em 1721, ao Margrave Christian Ludwig de Brandenburgo, tio de Frederico Guilherme, rei da Prússia, os seis concertos não foram inicialmente concebidos como um todo. Apesar da impossibilidade de datação exacta da obra de Bach, crê-se terem sido escritos entre 1711 e 1720. Seriam publicados apenas em 1850, mais de um século depois. A particularidade deste conjunto de concertos reside no abandono do conceito uniforme de *concerto grosso* e na preferência por uma série de combinações de solistas, especificidade que se reflecte no recurso a instrumentações invulgares, tanto na obra de Bach, como na música da época: os *Concertos n.º 2, 4 e 5*, por exemplo, podem ser classificados como sendo *concerti grossi*, por ser possível identificar um *ripieno* (grupo instrumental) e um *concertino* (grupo instrumental mais pequeno) em que, contudo, um instrumento solista se evidencia dentro do *concertino* (trompete no n.º 2, violino no n.º 4 e cravo no n.º 5), criando assim simultaneamente um efeito de concerto para solista.

Na partitura autógrafa do *Concerto n.º 2*, BWV 1047, em Fá Maior, Bach coloca a indicação "*Concerto 2do à 1 Tromba, 1 Fiauto, 1 Hautbois, 1 Violino concertati, è 2 Violini, 1 Viola è Violone in Ripieno col Violoncello è Basso per il Cembalo*". Provavelmente escrito para o virtuoso trompetista da corte de Cöthen, Johann Ludwig Schreiber, a parte do trompete revela uma enorme complexidade. O *Allegro* inicia com uma sonoridade enérgica e vigorosa e é seguido pelo andamento *Andante*, em Ré menor, onde se sublinha uma certa oposição tímbrica ao anterior andamento, com um certo carácter melancólico. O trompete não está presente neste andamento, o que de resto é uma prática comum no período barroco, provavelmente com o intuito de deixar descansar o instrumentista. A obra termina com um andamento rápido, um *Allegro assai*, em que um tema principal circula pelo trompete, flauta e violino, com o acompanhamento do baixo contínuo. Contrastes dinâmicos nas entradas do *tutti*, por oposição ao volume sonoro das secções de *concertino* caracterizam este andamento.

No *Concerto n.º 4*, BWV 1049, "*Concerto 4ta à Violino Principale, due Fiauti d'Echo, due Violini, una Viola è Violone in Ripieno, Violoncello è Continuo*", em Sol Maior, a combinação sonora adoptada envolve duas flautas e violino, como elementos do *concertino*. O violino assume um papel de grande virtuosismo no primeiro e terceiro andamentos sendo que, no andamento intermédio funciona como baixo de acompanhamento nos momentos em que o *concertino* se apresenta. Bach elaboraria uma adaptação deste concerto para cravo. No primeiro andamento, *Allegro*, o tema é apresentado de início nas flautas. Assumindo um carácter pastoril, a repetição temática num segundo momento da composição, remete para o esquema da *aria da capo*, utilizada no domínio operático. O *Adagio ma non tanto* (que em algumas edições aparece como *Andante*), em Mi menor, revela simplicidade na orquestração, e um tom grave, austero, com efeitos *chiaro-scuro* sobre passagens em que a técnica de eco é utilizada nas flautas. O concerto termina num andamento rápido, *fugato*, um *Allegro*.

Johann Gottlieb Graun

Nasceu em Wahrenbrück, 1702; morreu em Berlim, em 27 de Outubro de 1771. Pertenceu a uma família de músicos, em que dois dos seus irmãos (August Friedrich e Carl Heinrich) também se distinguiram enquanto compositores e intérpretes especialmente no norte da Alemanha. Os três receberam educação musical do *Kantor*

e organista da sua terra natal, Johann David Cocler. Os estudos existentes sobre Graun deixam uma grande margem de indefinição no que diz respeito à dimensão da sua obra, bem como ao seu percurso biográfico e pormenores cronológicos. A partir de 1713 estudou na Kreuzschule de Dresden, onde integrou o coro masculino. Há registos da sua inscrição na Universidade de Leipzig. Estudou violino e composição com o *Konzertmeister* de Dresden, J. G. Pisendel, e, mais tarde, continuou os seus estudos com Tartini, em Pádua. Em 1726 foi nomeado *Konzertdirektor* da corte em Merseburg.

Graun foi muito reconhecido como violista, tendo mesmo chegado a ser professor do filho mais velho de J. S. Bach, Wilhelm Friedemann Bach, entre 1726 e 1727, e ensinado os violinistas Ivan Böhme e Christian Bertram. Nomeado *Konzertdirektor* na corte de Carl August Friedrich, príncipe de Waldeck, em 1731, dirigiu uma *Kapelle* com cantores e instrumentistas altamente qualificados, cujo repertório consistia sobretudo em obras de Telemann e música italiana. Foi *Konzertmeister* da orquestra da *Kapelle* do príncipe da coroa da Prússia, Frederick, em Ruppín, cargo que ocupou até à sua morte. A orquestra seguiria o príncipe para Rheinsberg, em 1736, formando o cerne da Capela da Corte da Prússia que mais tarde Frederico, o Grande, promoveu, após a sua chegada ao trono em 1740. Graun dirigia a orquestra em inúmeros concertos na corte, nomeadamente para a rainha Elisabete Cristina e para a mãe de Frederico, o Grande, a rainha Sofia Doroteia. A maior parte da música instrumental de Graun deve ter sido escrita para os concertos de câmara do rei e para os grandes concertos de corte. Graun foi um músico bastante conceituado e reconhecido no seu tempo, especialmente como director orquestral e compositor. Handel, por exemplo, utilizaria em algumas das suas composições temas de obras de Graun.

O seu estilo e repertório por vezes confunde-se com o de seu irmão mais novo, Carl Heinrich Graun, não sendo por vezes possível identificar a qual dos dois pertence as obras. Ritmos sincopados, tercinas, bem como a apresentação do material temático, sobretudo nas vozes superiores, fazem parte das características da composição dos dois irmãos. Na obra de Graun é também digna de relevo a influência dos modelos italianos, bem como da forma de abertura francesa. Compôs sobretudo para conjuntos de cordas, e a maior parte dos seus concertos são para um ou dois violinos solo, apesar de haver alguns para outras formações, como é o caso do *Concerto em Lá menor para viola de gamba e cordas*. Da sua obra são também de sublinhar as sinfonias para cordas, sonatas para violino e cravo, peças no domínio da música litúrgica, cantatas, missas e paixões, sendo de referência *La Passione di Gesù Cristo*, sobre texto de Metastásio.

Tal como em outras obras suas, J. G. Graun assenta este *Concerto em Lá menor* na tradição do contraponto e do conservadorismo formal, defendendo o formato de três andamentos, *Allegro moderato*, *Adagio* e *Allegro* e evita a existência de temas com contrastes muito evidentes, insistindo em texturas homofónicas.

Rosa Paula Rocha Pinto

ENRICO ONOFRI

Nasceu em Ravena. Estudou violino na sua cidade natal e em Milão. Desde muito cedo encetou colaborações com diversos conjuntos barrocos italianos, em particular com o Il Giardino Armonico do qual se tornou concertino e solista. Entretanto, foi convidado por Jordi Savall como concertino da La Capilla Reial, tocando com agrupamentos como o Concertus Musicus Wien, o Ensemble Mosaiques, o Concerto Italiano, entre outros.

Em 2002, Enrico Onofri iniciou uma carreira de maestro, com grande êxito e tendo sido convidado por diversas orquestras e festivais por toda a Europa e Japão. Desde

2005 é o maestro principal da orquestra Divino Sospiro (orquestra barroca em residência no Centro Cultural de Belém) e também maestro convidado da orquestra italiana Academia Montis Regalis.

Nesse mesmo ano fundou o Ensemble Imaginarium, interpretando o repertório para violino dos grandes compositores italianos.

Enrico Onofri apresentou-se nas salas de concerto mais prestigiadas, como Musikverein e Konzerthaus em Viena, Mozarteum em Salzburgo, Philharmonie e Unter den Linden Operahouse em Berlim, Alte Oper em Frankfurt, Concertgebouw em Amsterdão, Teatro San Carlo em Nápoles, Carnegie Hall e Lincoln Center em Nova Iorque, Wigmore Hall e Barbican Hall em Londres, Tonhalle em Zurique, Théâtre des Champs Elysées e Théâtre du Chatelet em Paris, Auditório Nacional em Madrid, Oji Hall em Tóquio, Osaka Symphony Hall, Teatro Colon em Buenos Aires - e com artistas como Nikolaus Harnoncourt, Gustav Leonhardt, Christophe Coin, Cecilia Bartoli, Katia e Marielle Labèque.

Muitos dos CD gravados por Enrico Onofri (Teldec, Decca, Astrée, Winter&Winter, Opus 111, Virgin, etc.) obtiveram os mais prestigiados prémios internacionais - Grammophone Award, Grand Prix des Discophiles, Echo-Deutsche Schallplattenpreis, Prémio Caecilia Cini de Veneza, La Nouvelle Academie du Disque e numerosos Diapasons d'Or, Choc de la Musique, 10 de Répertoire des disques compact. Muitos dos seus concertos foram transmitidos ao vivo por estações de rádio da Europa, América, Ásia e Austrália.

Desde 2000, Enrico Onofri é professor de violino barroco e interpretação de música barroca no Conservatório Bellini de Palermo.

Tem sido convidado para leccionar *masterclasses* em Itália e Europa.

VITTORIO GHIELMI

Nasceu em 1968, em Milão, Itália. Foi vencedor do Concurso Internacional Romano Romanini para instrumento de arco (Brescia 1995) e premiado com o Erwin Bodky Award (Cambridge, Massachusetts, 1997).

Lecciona viola da gamba no Conservatório Luca Marenzio de Brescia.

Apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto da Europa e EUA como solista com as orquestras Il Giardino Armonico, Wiener Philharmoniker, Orquestra Filarmónica de Londres.

Colabora em duo e música de câmara com o seu irmão Lorenzo e artistas como Gustav Leonhardt, Cecilia Bartoli ou Giuliano Carmignola

Fundador do *ensemble* Il Suonar Parlante, onde tocou com compositores músicos de jazz famosos, como Uri Caine, Don Byron e Kenny Wheeler.

Publicou um manual de viola da gamba (em colaboração com Paolo Biordi, Ut-Orpheus Editions, Bolonha) e música para viola da gamba não editada (Ed. Minkoff, Fuzeau).

Gravou para a etiqueta Auvidis (*Concerto para viola da gamba em Lá menor* de J. G. Graun, sob a direcção de Christoph Coin), Decca, Teldec, Supraphon, Ars Musici e Winter & Winter.

ORQUESTRA DIVINO SOSPIRO

A Orquestra Divino Sospino foi criada pelo músico italiano Massimo Mazzeo. Nasceu da determinação de um grupo de músicos portugueses e estrangeiros, a residir em Portugal, que durante algum tempo desenvolveram um trabalho de grande qualidade artística na área da música antiga, seguindo os princípios de fidelidade estilística e estética do período barroco e propondo um repertório constituído por compositores do universo musical desta época. O grupo já participou em diversos festivais musicais, destacando-se, entre muitos outros, a Festa da Música do CCB, nas edições de 2003, 2005 e 2006. Para além destas apresentações, fez uma importante digressão em Itália, onde recebeu uma entusiástica atenção da crítica e do público. Na sequência deste importante sucesso, o Divino Sospino foi convidado a participar em prestigiados festivais nacionais: Encontro de Música Antiga de Loulé, Festival de Música de Leiria, e no Teatro Nacional de São Carlos; no estrangeiro, participou no Festival d'Ille de France, concerto que foi gravado para a Radio France; o conceituado Festival d'Ambronay, onde o grupo teve a honra de actuar no concerto de encerramento; e, mais recentemente, na Folle Journée no Japão, Tóquio, com excelentes críticas dos analistas e do público.

A actividade artística do agrupamento inclui a gravação de um CD com música portuguesa para a etiqueta Decca Company, assim como a estreia para a etiqueta Zig-Zag Territoires e a gravação ao vivo do concerto dedicado a W. A. Mozart (*Sinfonia n.º 40*, K. 550; e *Serenata notturna*, K. 239) para a etiqueta japonesa Nichion. O grupo conta ainda com digressões em França, Espanha, Itália e Japão.

Das múltiplas acções do Divino Sospino merece ainda especial ênfase a forma empenhada como se tem dedicado ao aperfeiçoamento pedagógico e musical. Neste âmbito, o grupo deu os seus primeiros passos com a organização de *masterclasses* de violino barroco orientadas pelos prestigiados violinistas Chiara Banchini e Enrico Onofri, em colaboração com a Escola de Música do Conservatório Nacional e com o Centro Cultural de Belém. Nesta primeira iniciativa, contaram com a relevante presença de Rinaldo Alessandrini, Enrico Onofri, Chiara Banchini e Alfredo Bernardini. No Verão de 2007, a Universidade de Évora convidou o fundador do grupo a organizar um curso de Verão na área da música antiga. Este festival irá envolver a presença de alguns dos maiores nomes: Gustav Leonhardt, Maria Cristina Kiehr, Enrico Onofri, Alfredo Bernardini e Gaetano Nasillo.

A Orquestra Divino Sospino já se apresentou em concertos onde contou com a presença de algumas das maiores celebridades do panorama artístico musical a nível mundial, como Rinaldo Alessandrini, Chiara Banchini, Alfredo Bernardini, Enrico Onofri, Christophe Coin, Katia e Marielle Labèque, Christina Pluhar, Alexandrina Pendachanska, Gemma Bertagnolli, entre muitos outros. É actualmente a orquestra em residência do Centro Cultural de Belém, em Lisboa, oportunidade fundamental e de recíproca importância para o desenvolvimento em Portugal de uma realidade artística de alta qualidade a nível internacional. O grupo conta regularmente com a direcção de Enrico Onofri, que aceitou o convite para Maestro Oficial deste agrupamento.